

EMERGÊNCIA DO SUJEITO NO DIÁLOGO EDUCACIONAL

Nair Leme Fobé

Professora do Centro de Lingüística Aplicada da Unicamp; professora do Instituto de Letras da PUCC; mestranda em Educação na Unicamp.

É nosso objetivo, neste estudo, mostrar como o diálogo educacional entre o emissor (educador) e o receptor (educando) deverá ocasionar uma transferência da posição inicial do sujeito do discurso. A princípio, essa posição é ocupada pelo educador que deve levar, paulatinamente, o educando a assumir seu lugar como sujeito de um discurso significativo.

Para um estudo do sujeito do discurso partiremos de uma conceituação do que seja linguagem, detendo-nos nos aspectos principais de sua natureza e apresentando uma tentativa de definição.

Como segundo passo, faremos uma análise de alguns pensamentos sobre o lugar do sujeito no discurso, salientando uma posição fenomenológica.

Concluiremos o trabalho, mostrando como essas reflexões, combinadas com certas análises lingüísticas, podem conter algumas implicações metodológicas que poderão levar os responsáveis pelo ensino da aquisição de uma língua, a uma conscientização deste problema.

1 – NATUREZA DA LINGUAGEM

A linguagem é, sem dúvida alguma, a maior realização do homem. Nunca podemos fazer uma imagem dele, separado da linguagem. Ela faz parte do homem e é por meio dela que ele vai estabelecer contato com os outros e com o mundo.

Ao criar um sistema escrito, o homem se viu limitado a um sistema de sinais gráficos que nunca poderá realizar o que a língua falada realiza. Haverá sempre os aspectos extralingüísticos, tais como: a mímica, os gestos, as pausas, as reticências, o não expresso carregado de carga semântica, que nunca poderá ser veiculado numa linguagem escrita. Cabe salientar, porém, que devido a tais limitações, vai a linguagem escrita desenvolver recursos de métrica, ritmo, e se valer de dimensões simbólicas que a permitam sugerir o que não pode ser claramente explícito.

O que é, realmente, a linguagem ?

Antes de tentarmos propor uma definição vamos examinar alguns aspectos de sua natureza.

1.1 — A Linguagem é uma atividade exclusivamente humana. Observou Descartes, na quinta parte de seu **Discurso sobre Método** que é fato notável não haver ninguém tão destituído, excetuando os idiotas, que não seja capaz de organizar diferentes palavras a fim de formar enunciados pelos quais exprimem seus pensamentos; por outro lado, não há outro animal, embora bem dotado pelas circunstâncias, que possa fazer o mesmo.

Segundo G. Gusdorf (1977, pág. 13), o advento da palavra manifesta a soberania do homem. O homem interpõe entre si e o mundo uma rede de palavras por meio da qual se torna dominador do mundo. É certo que alguns animais são fisicamente equipados, como o homem, com órgãos que podem produzir sons da fala e alguns são treinados a falar mas não desenvolvem nenhum sistema de equivalência entre o som e significado.

Assim, Gusdorf nos diz que “se o chimpanzé tem a possibilidade de uma linguagem mas não a concretiza, é porque a função de falar, em sua essência, não é uma função orgânica, mas uma função intelectual e espiritual” (Op. cit., pág. 11).

Benveniste (1976: pág. 67) aponta que só podemos falar em linguagem entre os animais, num sentido metafórico.

Fazendo um estudo sobre o que se observou da comunicação entre abelhas mostra Benveniste como há diferenças essenciais entre esta e a linguagem humana e chega á conclusão de que “o modo de comunicação empregado pelas abelhas não é uma linguagem, é um código de sinais” porque “todos os caracteres resultam disso: a fixidez do conteúdo, a invariabilidade da mensagem, a referência a uma situação, a natureza indecomponível do enunciado, a sua transmissão unilateral” (Op. cit., pág. 67). Assim, as abelhas, ao transmitirem sua “mensagem”, não esperam uma interpelação ou uma opinião, não buscam uma resposta, portanto, não há diálogo. Como nos diz G. Gusdorf (Op. cit., pág. 13), “o animal não conhece o **signo**, mas o **sinal** somente, isto é, a realização condicional a uma situação reconhecida na sua forma global, e não analisada em seu detalhe”; daí a mensagem das abelhas não poder ser analisada, no sentido atomista da palavra, isto é, não poder ser decomposta em elementos mínimos formadores, o que acontece, porém, com a linguagem humana, onde cada enunciado pode ser decomposto, seguindo regras definidas” de modo que, um número bastante reduzido de morfemas permite um número considerável de combinações — de onde nasce a variedade da linguagem humana, que é dizer tudo” (*ibidem*, pág. 66).

Além disso, uma abelha só pode emitir uma mensagem que é resultado de sua experiência. Não transmite os fatos a ela enunciados por outra. O que formaria a transmissão. A abelha não constrói uma mensagem a partir de outra mensagem (Idem, *ibidem*, pág. 65).

Outro aspecto a ser considerado é o conteúdo da mensagem que, no caso das abelhas, é sempre relacionado com a possibilidade ilimitada dos conteúdos das mensagens humanas.

Há ainda de se considerar que as abelhas são animais que vivem em sociedade, lugar, onde se processa sua linguagem. A sociedade também forma a condição básica da linguagem humana: a mensagem humana está sempre em circulação em determinada sociedade, é a revelação do sentido em circulação.

1.2 — Nunca se descobriu um grupo humano que não se valesse da linguagem. Todas as pessoas têm capacidade de falar, embora nem todas possam ler e escrever. Os deficientes se valem do mesmo código de língua dos demais membros de seu grupo e, embora não emitindo sons, por deficiência, traduzem-nos por gestos ou outros meios.

Quando a função da linguagem se desfaz é porque ocorrem anomalias. Assim, diz G. Gusdorf (Op. cit.).

“O afásico perde o sentido da unidade e da identidade do objeto. Num mundo partido, incoerente, ele é cativo da situação concreta, condenado a um modo de vida vegetativa. Não há, propriamente falando, doenças da linguagem, mas de traumas da personalidade, em que o paciente, se encontra desadaptado da realidade humana, e como que decaído deste universo, dentro do qual a emergência da fala o tinha feito entrar” (pág. 14).

1.3 — Todos os grupos humanos desenvolvem um código bastante capaz, de exprimir suas necessidades diárias. A variedade cultural irá determinar diferenças do vocabulário. Assim, alguns desenvolvem um verbalismo extremo, enquanto outros podem dizer tudo de que necessitam dentro da linguagem bem restrita. Às vezes, por questões culturais, valem-se alguns povos de perífrases para indicar modéstia e outros valem-se de omissões, como, no caso de certos idiomas que omitem os pronomes ou os substituem por expressões equivalentes, às vezes, as novas necessidades implicam empréstimo a outros códigos existentes.

As culturas desenvolvem um vocabulário de acordo com as suas necessidades, assim, a palavra **geladeira** seria supérflua num contexto esquimó, como as várias expressões para se referirem às sempre mutáveis condições atmosféricas do clima inglês não encontrariam registros eficazes na língua brasileira.

1.4 — Todo processo de linguagem implica a transmissão de mensagens, o que envolve um transmissor e um receptor que devem possuir um campo de experiência comum para que a comunicação se processe sem ruídos; todo ato de comunicação humana consiste de cinco partes: a) a codificação da mensagem; b) sua transmissão; c) sua realização através de sinais convencionais; d) sua recepção e e) sua decodificação. Podemos ilustrar esses passos no seguinte diagrama, apresentado por Darbyshire (1971. 15):

Codificador ----- Emissor ----- Sinal ----- Receptor ----- Decodificador.

Os pensamentos, crenças, idéias, emoções sentimentos, todas as atitudes da mente apenas são conhecidas à medida que expressas e só reveladas, na maioria das vezes, através do crivo consciente do codificador. A única afirmação que o receptor pode fazer através da inferência, dizendo por exemplo: "este homem parece estar triste", mas, nunca pode, realmente, observar as condições reais do que está acontecendo.

Segue-se que não importa o que se diga, há sempre outras formas de se dizer a mesma coisa. O código, embora limitado por um número definido de sinais, possui uma aplicação infinita e cada falante vai-se valer do mesmo código e, no entanto, ser original, individual. O uso do código é, um ato social, isto é, sempre envolve pessoas, pelo menos duas, senão não haverá comunicação e, para que essa comunicação realmente, se realize, é necessário que os envolvidos no ato manipulem os sinais do código de uma forma comum, preestabelecida — pois as regras do jogo têm de ser mantidas por todos os falantes. Isto limita a originalidade, de um lado, e também possibilita a criatividade de outra; pode, sempre, haver nova forma de se dizer a mesma coisa. Se houver originalidade em demasia, pode acontecer que a mensagem não seja bem apreendida, provocando os chamados "ruídos" na comunicação.

Há, porém, de se destacar, aqui, que o ruído pode ser negativo ou positivo, já que o uso eficaz de um canal da comunicação é aquele que transmite ao receptor um número de escolhas que lhe permita decodificar a mensagem. Ruído negativo consiste num erro que irá interferir na decodificação da mensagem; daí, a necessidade de se aprender uma língua e as leis que a governam. Ruído positivo é aquele sentido acrescentado à experiência e que vai levar a um maior enriquecimento da linguagem, aumentando a compreensão e o prazer do receptor: não é apenas a transmissão do fato percebido, mas sua interpretação, estabelecendo uma nova dimensão, como no caso da literatura. Isto nos leva a outro aspecto da natureza de

linguagem que é a possibilidade de o homem se expressar de forma original, dentro de um código comum a todos.

1.5 — Todo o homem é um criador de enunciados mas, para se fazer entender, tem de permanecer nos limites das “regras” estabelecidas pelo sistema lingüístico de sua comunidade, portanto, dentro de um código, elementos que compõem o código podem ser contados, existem em número limitado. As suas combinações em frases ou partes do discurso, não.

Diz-nos Benveniste: “Um inventário dos empregos de uma palavra poderia não acabar, um inventário dos empregos de uma frase não poderia nem mesmo começar” (Op. cit., pág. 139).

É na combinação das palavras nas frases que o homem revela suas originalidades, como ser-no-mundo, que está no mundo, mas não é do mundo. É por meio da dupla dimensão de estar no mundo, tomar consciência dele, através de seu corpo, e de transformá-lo num mundo mais denso de sentido que o homem se manifesta, criando enunciados. De um lado está a língua, sistema de signos que se agrupam por regras fixas e, de outro, está sua manifestação que pode ser diversamente infinita quando é finito o número de elementos empregados.

1.6 — Ao mesmo tempo que fala, o emissor também ouve o que está falando, portanto, recebe “feedback”, que também pode ser a reação manifestada pelo receptor. Se notar que sua mensagem está carregada de ruídos, irá reformá-la, usar outras palavras, portanto, escolher novos itens lingüísticos dentro do mesmo código. Há, como já afirmamos, inúmeras maneiras de se dizer a mesma coisa. No caso da língua escrita, às vezes não se processa o “feedback”, e o receptor vai abandonar a leitura, já que seu conjunto de experiências não lhe permite decodificar a mensagem da forma que lhe é apresentada. Daí, passarmos para outro aspecto da natureza da linguagem e sua multiplicidade.

1.7 — Nenhuma língua pode ser abordada em um único aspecto, não se poder falar de linguagem como objeto prontamente identificável que se pode isolar e examinar, como se faz com uma mistura analisada num laboratório, ou uma pedra. Não é um objeto homogêneo mas complexo, implicando uma gama de variedades ou tipos, em que cada tipo possui características próprias. Quando falamos de variedades, duas nos ocorrem prontamente à mente: a língua falada e a escrita.

Outra seria representada pelos inúmeros dialetos, variedades regionais. Há ainda as diferenças dentro das próprias, dependendo da posição social que ocupa o falante. Cada indivíduo é, de certa forma, dependendo de seu grau de instrução, capaz de usar vários tipos de linguagem, que as necessidades sociais o exigirem; assim, usamos um tipo de linguagem, quando conversamos em casa, outro, quando falamos ao telefone;

outro, quando entramos numa situação mais formal; e, assim, por diante. Daí, todo falante acaba desenvolvendo uma consciência lingüística que o faz se adaptar às várias situações.

2 – TENTATIVA DE UMA DEFINIÇÃO:

Uma possível definição seria, segundo Finochiaro (1974: 3): “a linguagem é um sistema de símbolos vocais arbitrários que permite a todas as pessoas numa determinada cultura, ou outras pessoas que tenham aprendido o sistema dessa cultura, se comunicarem ou se inter-relacionarem”.

Diz-nos Benveniste, em seu capítulo sobre a natureza do signo lingüístico: “toda afirmação sobre a essência da linguagem ou sobre as modalidades do discurso começa por enunciar o caráter arbitrário do signo lingüístico” (op. cit. pág. 51). Assim, o traço que une o significante (imagem acústica) e o significado (conceito) aparece sem motivo algum aparente, não havendo nenhuma explicação plausível para seu aparecimento, ou nenhuma ligação lógica com a realidade; assim a palavra cavalo, por exemplo, surge arbitrariamente para indicar o animal. Benveniste, fazendo um estudo sobre a arbitrariedade que liga, segundo Saussurre, o significante a seu significado, diz que esse laço não é arbitrário, mas sim **necessário** (grifo do autor), já que, na minha mente, o traço entre significante e significado se estabelece prontamente, assim, cavalo-animal. O fato é que ambos foram expressos juntamente no meu espírito, consideração essa de grande importância a todos os estudiosos, envolvidos com o problema da aquisição da linguagem. Há entre significante-significado “uma simbiose tão perfeita que o conceito (...) é como a alma acústica”. A nossa mente não contém formas vazias, tudo o que lá existe já foi nomeado. Invocando o pensamento de Saussurre, diz-nos Benveniste que a língua é como uma folha de papel, em que o pensamento representa um lado e o som o outro, não se podendo recortar um lado, sem recortar o outro, daí, na língua, não se poder isolar o pensamento do som.

Ainda Saussurre mostra como o signo é caracterizado, ao mesmo tempo, por sua imutabilidade e mutabilidade, assim, o signo, sendo arbitrário é imutável, já que não há norma lógica para discuti-lo é mutável, já que, sendo arbitrário, pode alterar-se; o que se altera, porém, é a significação e não o signo.

Outro ponto importante a se considerar no estudo dos signos é que eles têm valores “relativos”, isto é, valores intimamente relacionados uns com os outros, formando um sistema que está sempre se readaptando.

Para nosso propósito, vamos adotar a definição de linguagem sugerida por Pyles (1964: pág. 3): “Linguagem pode ser definida como uma combinação sistemática de sons que tem significado para todas as pessoas, numa determinada comunidade cultural” e a linguagem escrita é a representação gráfica dessas combinações de sons.

Talvez a palavra mais importante, nessa definição, seja **sistemática**. Toda linguagem opera dentro de seu próprio sistema, e, como já foi posto, a mudança em um elemento acarreta mudanças no todo, pois já estão relacionados uns com os outros.

Os sons de uma língua, bem como todos os aspectos lingüísticos aparecem sempre de acordo com um sistema e não por acaso, pois sem o sistema não haveria comunicação.

Continuemos com a definição — combinação de **sons**, significando que produzimos sons, através dos chamados órgãos da fala, que nada mais são que órgãos cuja função básica é totalmente diversa que a eles damos, quando os usamos para emitir sons da linguagem, funções tais como mastigação, respiração. O homem adaptou tais órgãos, de tal forma, que pode servir-se deles para exprimir qualquer coisa que o preocupe.

Todas as pessoas de determinada cultura aprendem a relacionar o significante com o seu significado e, portanto, podem e se utilizam desse sistema convencional para se comunicar, para expressar sua existência, num relacionamento ininterrupto que vai formar a história.

3 — FUNÇÕES DA LINGUAGEM:

O sistema convencional, que chamamos linguagem, deve, portanto, ser preservado e transmitido, para que os registros culturais possam ser conhecidos pelas gerações futuras, daí ser a aprendizagem da língua materna elemento essencial para a assimilação e a vivência de uma cultura.

A linguagem é, pois, o veículo de que se valem as diferentes culturas para preservar o diálogo histórico e o homem, portanto, só se culturaliza por meio da linguagem. É através dela que vai efetivar seu lugar no mundo-com-os-outros. Não só aprende sua língua por meio dos outros, mas também só se vai dar a conhecer aos outros, por meio dela.

Assume, então, a linguagem diversas funções, a saber:

3.1 — **Pessoal** — expressão das emoções, necessidades, desejos, atitudes, opiniões do emissor, é o lugar que assume com ser de características próprias que se vai dar a conhecer por meio da linguagem, da sua linguagem, desenvolvendo, assim, um estilo próprio que vai identificá-lo. O

homem não só se dá a conhecer pela sua fisionomia, traços físicos, mas também pelo seu modo de dizer o mundo. Daí como nos afirma o pensamento fenomenológico, segundo uma das características de seu método, que é essencialmente estrutural ao descrever qualquer fenômeno, um dos aspectos assumidos pela linguagem é a expressão do sujeito que se revela ao exprimir o mundo. Entramos aqui no âmbito da intencionalidade, que aparece como várias formas do sujeito se relacionar com o mundo. Dizer o mundo é, pois, exprimir as diversas formas de intencionalidade.

O homem, ao exprimir o mundo, se desvela, se torna conhecido e, como ele é múltiplo, sua linguagem é polissêmica, daí, ele se dará a conhecer não só pelo que diz, mas também pelo que oculta, que também é uma forma de linguagem. Sua existência é tão mais densa de sentido quanto sua linguagem for ambígua. Daí, a aprendizagem de uma língua consistir não só em descobrir sentido nas palavras, associando significante-significado, mas também buscar mais sentido, mergulhar em outros aspectos semânticos da linguagem, no seu simbolismo.

Assim, o sujeito humano apresenta uma complexidade que lhe é própria e também uma multiplicidade significativa e só se revela através da palavra. Sua abordagem só pode ser hermenêutica, isto é, só podemos conhecê-lo por suas múltiplas expressões. Nunca teremos um conhecimento perfeito desse sujeito se não o tomarmos de forma global, e não em um de seus aspectos, ou avaliá-lo, apenas, por alguns momentos de expressão. E necessário que haja diálogo, é necessário considerar-se outra função da linguagem que é a:

3.2 — Interpessoal, ou, usando um termo fenomenológico, **intersubjetiva**, que é a base das relações sociais com indivíduos ou grupos. É através do inter-relacionamento que o sentido é posto em circulação. É através da intersubjetividade que o sujeito se dá a conhecer e passa a conhecer os outros, estabelecendo uma intersubjetividade comunicativa que é também significativa, assumindo, portanto, a linguagem, outra função que é a:

3.3 — Diretiva que forma o comportamento dos outros, através da discussão, pedidos ou aconselhamentos, isto é, o sentido (direção) que se dá à linguagem. Conforme o sentido direcional que se dá à linguagem, ela pode-se carregar de mais sentido (significado), estabelecendo um bom relacionamento ou criando alienação. Essa função está intimamente ligada à:

3.4 — Referencial: que liga os objetos em discussão ao seu contexto local ou na cultura de onde provém. Nenhuma expressão é isolada no tempo e no espaço, é um estímulo ou uma resposta inserida num contexto. A palavra é um fenômeno e o que aparece é o sentido, não de forma epifânica, destituída de uma realidade concreta mas como significa-

tiva, em determinado lugar e tempo. O que faz sentido aqui pode ser carente de sentido em outro lugar. O que é carregado de significado em determinado tempo, pode ser vazio de significado em outra época. O que é relevante aqui, e agora, pode ser ridiculamente trivial deslocado de seu contexto. Isso nos leva a tomar em consideração outra função de linguagem, a:

3.5 — **Metalingüística** que se constitui na discussão sobre a própria linguagem, o que ela realmente significa, e:

3.6 — **Imaginativa** que é o uso da linguagem de forma criativa, embasamento de toda a expressão literária.

3.7 — A fala, é, portanto, o traço de união entre o indivíduo e os outros. Ela se apresenta de forma paradoxalmente ambígua, pois, ao mesmo tempo, que permite dizer de mim, ela também, já que me foi dada pelos outros, reprime dentro de mim uma voz original que se quer liberar.

Assim como nos diz Gusdorf (**Op. cit.**, pág. 56): há duas funções da linguagem, a expressiva e a comunicativa. Desenvolvo a função expressiva da linguagem para “me fazer entender, para desembocar dentro do real, para me ajuntar à natureza”. Por outro lado, a função comunicativa me faz ir aos outros.

Um problema se apresenta: ou eu me expresso, à minha maneira, rompendo as barreiras que se me impõem, ou falo como todo mundo. Em ambas as posições o sentido verdadeiro da personalidade se apaga.

Quanto mais expresso menos comunico e quanto mais comunico, menos expresso. Aceito o pensamento de Bergson e condeno a linguagem estabelecida, para dar oportunidade à projeção do eu profundo, ou aceito a tese de Durkheim, que afirma a autoridade do senso comum e a direção social da consciência individual.

Estas posições esvaziam ou limitam, no campo da linguagem, o sentido exato do destino do homem, pois o homem é capaz de realizar o equilíbrio dos contrastes, sendo, ao mesmo tempo, capaz de projetar o eu puro e participar do social e do racional.

As duas funções da fala, propostas por Gusdorf, são portanto complementares, porque “a expressão pura, isolada de toda comunicação, se torna uma ficção, porquanto toda fala tem em vista outra pessoa” (**Op. cit.**, págs. 61, 62).

O contrário também não tem sentido, não pode haver comunicação sem expressão, porque minha linguagem não existe desapropriada. “Ela não existiria, se uma intenção pessoal, primeiramente, não a tivesse feito nascer. Se eu falo, é porque tenho alguma coisa a dizer, sempre será preciso um eu como sujeito da frase”. (*idem*, pág. 60).

Para Popper (1 975), o homem desenvolveu, além das funções expressiva e sinalizante, próprias aos animais, as funções descritivas e argumentativa, e é, através do desenvolvimento da função argumentativa, que há possibilidade do crescimento científico. Classifica essas funções como superiores.

“Com a função descritiva da linguagem humana, emerge a idéia reguladora de **verdade**, isto é, uma descrição que se ajusta aos fatos” (pág. 121).

Ainda aponta outras idéias reguladoras ou avaliadoras como as de conteúdo, conteúdo de verdade e verossimilitude.

O desenvolvimento de uma linguagem descritiva exosmótica possibilita a emergência de um terceiro mundo lingüístico onde se desenvolvem os problemas e os padrões da crítica racional.

“A este desenvolvimento das funções superiores da linguagem é que devemos nossa humanidade, nossa razão, pois nossos poderes de raciocinar nada mais são que poderes de argumentação crítica” (idem, pág. 112).

4 — SUJEITO DO DISCURSO

Vamos retomar as duas primeiras funções da linguagem para enfocar o problema proposto — o sujeito do discurso.

Os homens ainda não encontraram uma forma melhor nem mais eficaz de comunicação, a não ser através da palavra. Podemos aqui contrapor o pensamento de que a comunicação também pode ser imagética e que a imagem é mais expressiva do que a palavra. A imagem porém, ao ser captada, passa a ser interpretada e não o é através de outras imagens, mas pela palavra. Temos ainda a considerar que os outros meios de comunicação que se valeram da linguagem, são posteriores a ela. Não podemos imaginar o homem separado da palavra.

“Todos os caracteres da linguagem, a sua natureza imaterial, o seu funcionamento simbólico, a sua organização articulada, o fato de que tem um **conteúdo**, já são suficientes para tornar suspeita essa assimilação a um instrumento que tende a dissociar do homem a propriedade da linguagem. Seguramente, na prática cotidiana, o vaivém da palavra sugere uma troca, portanto, uma coisa que trocaríamos, e parece pois, assumir uma função instrumental ou veicular o que estamos prontos a hipostasiar-se num ‘objeto’. Ainda uma vez, porém, esse papel volta à palavra”. (Benveniste, **Op. cit.**, pág. 285).

É na linguagem que o homem se fenomenaliza, estabelece relação com o mundo e com os outros homens, que dá significação à sua existência. Ao expressar o mundo se expressa e **ao se expressar**, exprime o

mundo, porque só na linguagem se constitui como **sujeito** e só pela linguagem se dá a revelar como **sujeito**; porque "só a linguagem fundamenta na realidade, na **sua** realidade" (*Op. cit.*, pág. 286).

É através da linguagem que o homem se identifica, ao que o estruturalismo se opôs ao afirmar que a língua se fala, o que eliminaria o papel da intencionalidade. Só há percepção a partir de alguma coisa e só há consciência das experiências vivenciadas, e só há comunicação quando houver consciência da subjetividade que emerge no ser quando em relação aos outros seres no mundo.

O sujeito só tem consciência de si mesmo quando estabelece relação com os outros, daí, resulta a intersubjetividade, que nada mais é do que a afirmação do sujeito do discurso, **eu** que é **eu** enquanto em relação com o **tu** e é, ao mesmo tempo, **tu**, onde o tu passa a ser o **eu** do discurso. Um, não existe sem o outro. Nessa interdependência, não só há continuação do discurso, mas também a preservação do sujeito.

Só haverá comunicação quando esta situação for estabelecida. É nessa intersubjetividade que se afirma o papel do sujeito; é por ela que o homem ocupa seu lugar no mundo e, sem ela, o mundo perderia um pouco do seu sentido.

Ao enfocarmos o lugar do sujeito no discurso lingüístico também enfocamos seu lugar privilegiado no mundo, o mundo só existe a partir dele e, assim como um discurso sem sujeito seria um discurso vazio de sentido, o mundo sem o homem seria um mundo diminuído de sentido, como bem nos lembra o poeta John Donne, em sua décima sétima meditação (1). É, pois, nessa identificação como sujeito do discurso que o homem assegura sua singularidade significativa num mundo povoado por outros "eus", interligados, e, paradoxalmente, só se poderá afirmar como eu, quando aceitar a presença dos outros, só é ser no mundo-com-os-outros; é na intersubjetividade.

A linguagem, de algum modo, propõe formas 'vazias' das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e às quais refere à sua 'pessoa', definindo-se ao mesmo tempo com **eu** e um parceiro como **tu**.

Já Buber, em seu livro "Ich and Du", traduzido pelo professor Newton Aquiles Von Zuben — "Eu e Tu" mostra como, indo além de uma análise lingüística dos pronomes, há uma função dialógica entre Eu e Tu, atribuindo a cada uma delas uma identificação própria, cada uma portadora de ser, e, como tal, é o lugar onde o sujeito se revela. É através da palavra que o homem fundamenta sua existência e estabelece relações com os outros e "a palavra como diálogo é o fundamento ontológico do "inter-humano" (1974: pág. 289).

O homem só estabelece sua relação com a existência quando ocupa seu lugar de sujeito do discurso e, dividido às funções da linguagem, tais como já especificadas, vai se identificar um determinado lugar e momento, vai se valer de um código pré-estabelecido e adquirido, através de uma aprendizagem sistemática, código esse que é o alicerce comum de todos os falantes de sua cultura e, no entanto, ao proferir seu enunciado vai fazê-lo de forma original e específica que o identificará, juntamente com outros traços físicos a ele transmitidos geneticamente.

É nessa dimensão que o homem deixa de ser apenas um repetidor para se tornar um criador. É nessa originalidade, nessa possibilidade de combinar livremente, de forma infinita, dentro das barreiras finitas do código lingüístico, que o homem pode-se tornar um criador de uma "parole parlante", na linguagem de Merleau Ponty. Pode o homem também não se identificar, passar a ser mero repetidor de enunciados e, muitas vezes, através de sucessivas repetições, irem os enunciados se esvaziando de sentido e formarem uma linguagem denotativa, vazia semanticamente.

Assim, como nos diz Lewis, em seu estudo "Merleau-Ponty and the phenomenology of language", a "parole parlante" "fundamentally creative, arises as man's existence polarizes in a certain direction — undetermined until that moment — expressive of his intention, existence creates la **parole** as an empirical support of its own non-being. By constituting a linguistic world, la **parole parlante** reincarnates this purely human element in what we view as the natural world; la **parole parlée** operates in a naturalized linguistic world wherein la **parole parlante** reappears, in the hands of writers, artists, and philosophers, as an omnipresent source of transcendence and enriched expression". (Lewis; 1 970: 23) (2)

A palavra poética é espontânea, é uma forma original e criativa fruto da intelectualidade, isto é, das diversas formas de relacionamento sujeito-mundo, é a manifestação dos diversos pontos de vista em que toma o sujeito ao olhar o mundo.

Em contrapartida, a "parole parlée" já perdeu sua força semântica, às vezes como instrumento para fins mais utilitários, mera referência ao momento material, sem acrescentar mais sentido ao mundo a que se refere.

Segundo Buber, é uma atitude do sujeito em relação ao mundo que delimita seu lugar, que fundamenta seu modo de existir. Essas atitudes, segundo ele, se traduzem por duas palavras-princípios: EU — TU e EU — ISSO. A primeira representa o ato do sujeito em perfeita reciprocidade com o seu receptor e ambos se identificam, nessa intersubjetividade, onde cada pólo mantém sua integridade. A segunda atitude é a transforma-

ção do TU em objeto, em meio de utilização. A verdadeira dimensão do Eu só efetiva, na medida que entra em relação com o Tu. Assim o 'entre' passa a assumir o lugar de revelação da palavra proferida pelo sujeito. Para que se estabeleça um verdadeiro diálogo é preciso que haja a preservação do todo, não como simples soma de elementos mas como a própria manifestação de duas estruturas que se inter-relacionam ambas se desvelando mas nunca se desintegrando, num verdadeiro elo de correspondências transcendentais. Somente no encontro dialógico, onde cada participante mantém sua totalidade é que reside o fundamento da intersubjetividade. Assim, também, Merleau-Ponty só entende o sujeito que se abre para o outro.

No relacionamento EU – Isso, o sujeito usa a palavra para se impor sobre o mundo, analisá-lo, ordená-lo, transformando o mundo num objeto, num instrumento para suas pesquisas. Buber vai além ao afirmar que só na relação EU – Tu pode haver amor, não só busca de sentido, mas também doação de sentido, algo que acontece no espaço 'entre' os dois, proveniente dos dois pólos que se integram num diálogo perfeito que leva à revelação e afasta a alienação.

O sujeito do discurso revela-se na esperança de uma resposta. Para Buber, segundo comentário do Prof. Newton A. Von Zuben, "a responsabilidade como projeto do homem na história de viver num nível real e essencial de vida humana é a resposta ao apelo do dialógico." (Op. cit.: pág. LX.)

Portanto, ao se estudar o discurso a procurar descrevê-lo em todas suas dimensões, não nos devemos ater apenas à sua estrutura representativa do mundo, devemos também focar o sujeito, em suas diversas expressões, em suas atitudes para com os outros.

Podemos, pois, transpondo o que foi posto para o campo da educação, onde um verdadeiro diálogo deve ser estabelecido entre educador e educando, que "educar-se é aprender a dizer o mundo e a dizer-se ao mesmo tempo como sujeito de percepção, de expressão, de fala. Rezende (1978: pág. 8) Completando, cabe ao professor desenvolver aquela palavra que realmente significa, pois a educação, sendo uma aprendizagem de cultura onde o educando se insere, é também a aprendizagem da humanização da linguagem.

O educador, ao se tornar sujeito do discurso pedagógico, terá de desenvolver uma palavra forte para poder levar o educando a uma expressão mais significativa e, portanto, deve ele próprio se armar, se preparar para sua tarefa.

O educador deve ter consciência da mensagem a ser transmitida, bem como da individualidade de seu receptor, que deve ser encarado como o Tu, da palavra-princípio de Buber.

A palavra, encarada como transmissão de recepção está relacionada com a história, que é o sentido em circulação, numa determinada cultura e está sempre viva e suas mensagens transcendem o momento histórico.

O sentido no processo educativo nos vem do passado, como legado a ser transmitido que preserva a própria fisionomia de determinada cultura, mas também as transforma em projeto, que é a visão futura, o sentido que lhes damos agora e será transmitido à gerações futuras e, assim, o diálogo continua, preservando a história e mantendo o pensamento que encerra a palavra que fala, que acrescenta sentido, que se abre para outras dimensões.

Há também a mensagem que nos vem do presente, aquela em circulação no momento atual e da qual só tomamos consciência se houver uma perfeita abertura para o mundo. Não deve haver nem um espírito do contra nessa atitude de relacionamento com o presente nem uma atitude passiva, de completa aceitação. Deve-se, ao contrário, numa atitude fenomenológica abrir-se o sujeito para os vários sentidos em circulação, para descobrir o verdadeiro sentido e, só assim, ser capaz de acrescentar mais sentido à mensagem em circulação. Deve assumir uma verdadeira atitude hermenêutica do presente.

Como professores da língua, como nos colocaremos nesse esquema? É na linguagem que a circulação do sentido se processa efetivamente, na forma de comunicação. Como já foi posto, toda comunicação comporta um emissor, o sujeito do discurso, e um receptor, o que vai decodificar a mensagem. Se o professor pode ser encarado como sujeito do discurso, o Eu da relação Eu — Tu, só pode assumir seu papel se reconhecer no **Tu** a possibilidade de ele vir a ser o sujeito, naquela situação de "alocução", em que **Tu** passa a ser **Eu** e **Eu, Tu**. Verá então sua atividade assumir uma dimensão maior, com maior sentido, aquele dado pela necessidade de dotar seu educando com uma palavra carregada de carga semântica, que realmente o transforme em um homem cuja palavra realmente diga algo de si, tornando-se um sujeito de uma palavra original e criativa.

Para isso, deve assumir uma atitude de diálogo com outras disciplinas que o irão ajudar em sua tarefa de sujeito de discurso que leva outros a assumirem o papel de sujeitos num diálogo significativo e não sujeitos alienantes e alienados.

5 — CONCLUSÃO

Atualmente, as pesquisas lingüísticas, como não poderiam deixar de ser, já que a ênfase nas outras ciências tem sido a mesma, dão

importância primordial aos aspectos semânticos da ligação e da comunicação. Algumas teorias estão ainda em seus primeiros estágios de desenvolvimento. A técnica do ensino situacional da linguagem e do ensino baseado na funcionalidade da língua estão ganhando ascendência sobre as demais. Tudo isso vem demonstrar que há uma preocupação dos envolvidos com o problema da aquisição da linguagem em se levar para o ensino de língua as mesmas considerações acima colocadas, a saber, relacionar significante-significado sempre com um contexto funcional, onde a expressão não seja mera repetição sem sentido, mas funcional.

Vimos também que o professor de língua não está mais isolado em seu trabalho, pois, no contexto atual, há uma gama variada de estudiosos se preocupando com o problema da linguagem e sua aprendizagem. Cabe a ele desenvolver um diálogo interdisciplinar para descobrir as fórmulas mais adequadas para a execução de sua tarefa.

5.1 — Assim, em contato com a **psicologia**, vai aprender que a aprendizagem envolve um emissor-professor e um receptor-educando e que toda a aprendizagem deve estar relacionada com as necessidades e experiência desse educando.

5.1.1 — A motivação é, portanto, fator fundamental na aprendizagem. No caso da aquisição de uma língua estrangeira, por exemplo, essa motivação é dupla: de um lado, o desejo de se identificar e ser identificado por falantes do idioma que está aprendendo. Há, pois, a necessidade de um diálogo maior, entre culturas, nesse mundo em que vivemos, uma aldeia global, na conceituação de Mc Luhan, onde o educando tem consciência da fragilidade das barreiras entre nações. Sente a necessidade não só de estabelecer seu lugar, como indivíduo, num diálogo, mas também de colocar sua cultura no contexto de outras culturas. Por outro lado, sente-se motivado pelo aspecto prático da aquisição de uma segunda língua, como instrumento para uma educação ou um emprego melhor.

5.1.2 — A aprendizagem é um processo gradativo, assim, na formação de um currículo de uma língua estrangeira, os itens mais simples devem ser apresentados primeiramente e os mais difíceis colocados, de tal forma, que estabeleçam um encadeamento com os mais fáceis, dos quais se valem como embasamento. Isso levará os alunos a adquirir confiança em seus desempenhos sem precisarem valer-se da tradução, que se constitui num obstáculo, criando ruídos na comunicação. A aquisição do idioma passa a ser um todo integrado; daí a necessidade de repetições para levar à fluência, não de longos diálogos que apelam à memória, mas de segmentos curtos e significativos. Essas repetições tendem a diminuir à medida que os alunos adquirem competência na língua estrangeira. Constatamos que há aqui uma longa distância entre aquela atitude de se encarar o educando como mero repetidor, um sujeito de uma **“parole parlée”**, e, passar a

encará-lo como agente ativo de sua educação, um sujeito que irá poder usar uma palavra semanticamente forte.

5.1.3 — A aprendizagem tende a se intensificar, à medida que os alunos conseguem estabelecer associação significativas, portanto, deve-se desenvolver o uso de associações, o que leva à introdução do mesmo item lingüístico em outras situações adequadas.

5.1.4 — Desde que o aluno é, ao mesmo tempo, receptor e emissor (o **Tu** que se torna **Eu**, o objeto do discurso para sujeito do discurso), forma parte integrante no processo da aprendizagem, não mero repetidor mas um participante, não mais um elemento passivo, instrumental, mas sim elemento ativo, sujeito atuante. Dá-se assim, um papel de responsabilidade ao educando que passará a se ver como o agente de sua própria aprendizagem e não mais de um paciente.

5.1.5 — Temos de levar em consideração que cada indivíduo aprende de forma diferente; daí, a necessidade de se incluírem atividades variadas no processo da aprendizagem.

5.1.6 — O papel do professor é ajudar o educando a encontrar o caminho mais fácil, antecipar os problemas, estudar novas maneiras de apresentar o mesmo item, conduzir à percepção das associações dos contrastes.

5.2 — Com a ajuda da **antropologia**, ciência relativamente jovem, vai o professor aprender que, embora haja diferenças entre os povos, possuem estes pontos em comum. Não há povo sem cultura, a cultura pertence ao povo, é sua fisionomia própria, o identifica junto às outras nações, mas, em todas as culturas há princípios básicos de vida que norteiam todos os homens sobre a terra. Cabe ao professor mostrar esses pontos comuns. A linguagem é o lugar por excelência da cultura, segundo nos afirma De Waelhens, e, segundo a linha fenomenológica, se a cultura exprime a existência de um povo, a linguagem exprime sua cultura; daí, a educação deve ser a aprendizagem da linguagem; daí a aprendizagem ser progressiva e sempre atual. Como conseqüência, os alunos deveriam ser encorajados a falar de sua própria cultura na língua estrangeira que estiveram aprendendo.

5.3 — Em contato com a **sociolingüística**, ciência que estuda o relacionamento entre a sociedade e a linguagem, o professor vai aprender que determinadas situações sociais condicionam determinados desempenhos lingüísticos e haverá tantos desempenhos lingüísticos quantas situações o falante ocupar; daí, a necessidade de adequação da linguagem a um desempenho à situação específica em que se encontra o falante.

Ninguém usa apenas um tipo de linguagem. Os fatores que determinam o uso da linguagem são: idade, sexo, posição social e desem-

penho social. A sociolinguística vai ajudar o professor a se tornar consciente de que a língua evolui não só através do espaço, mas também do tempo.

As línguas, conseqüentemente, variam para se adaptar a cada nova situação e cabe ao professor se atualizar sempre para não levar aos seus alunos um material anacrônico e sem adequação lingüística ao mundo em que vão atuar, levando-os não a uma integração mas a uma alienação.

5.4 — Em contato com a **psicolinguística**, o professor ficará sabendo que cada indivíduo desenvolve seu próprio estilo, sua forma peculiar de se expressar e também recebe do professor um modelo que o irá ajudar a encontrar seu verdadeiro lugar no mundo-com-os-outros. A linguagem e o pensamento estão interligados. Saber-se expressar é também saber ordenar os pensamentos e vice-versa, daí, um currículo bem organizado irá ajudar os alunos a disciplinar suas idéias a clarificá-las e a explicitá-las, de forma lógica e ordenada.

5.5. — Concluindo, portanto, o papel do professor de uma língua estrangeira é da maior importância no contexto do processo educativo. Ele se torna o veículo pelo qual o educando terá acesso a outra cultura.

No mundo atual, onde as barreiras caem, levadas pelos meios de comunicação de massa, não aprender uma segunda língua é alienar-se e, voltando a uma linguagem fenomenológica, o homem só se humaniza por meio da cultura e só se culturaliza através da linguagem.

O homem só conhece o mundo porque se relaciona com ele, e só conhece os outros porque entra em diálogo com eles, e só conhece outras culturas quando com elas estabelece comunicação.

Uma comunicação mais autêntica é aquela que se faz na mesma língua, daí a necessidade de sua aprendizagem. Esse fator, aliando a necessidade cada vez mais urgente de uma cessão às idéias novas em circulação, torna o trabalho do professor compensador. Cabe a ele descobrir seu verdadeiro sentido, como sujeito de uma palavra forte, de um discurso carregado de sentido e sempre atualizado, através de um constante diálogo interdisciplinar, acrescentando, assim, mais sentido à sua tarefa.

BIBLIOGRAFIA

- BENVENISTE, Émile (1 976) — **Problemas de Lingüística Geral** Companhia Editora Nacional, SP.
- BLOOMFIELD, Leonard (1 965) — **Language**, George Allen — Unwin Ltd., London.

- BREDA, V. e TAMINIAUX, J. (editores, 1 959) — **Actes du Deu xième Colloque International de Phenomenologie** — Martinus Nijhoff, la Hague.
- BUBER, Martin (1 974) — **Eu e Tu**, Cortez & Moraes, São Paulo.
- CLARK, Dickinson, Hudson, Pace (1 960) — **English Literature** Macmillan, E.U.A.
- CHAO, Yuen Ren (1 977) — **Língua e Sistemas Simbólicos**, Companhia Editora Nacional, SP.
- CRYSTAL, David — Davy, Derek (1 969) — **Investigating English Style**, Longman, Green & Co., Ltd., Londres.
- DARBYSHIRE, A. E. (1 971) — **A Grammar of Style**, The Language Library, editado por Eric Partridge and Simon Patter, Londres.
- FINOCHIARO, Mary (1 974) — **English as a Second Language from theory to practice**, Regents Publishing Co., Inc. E. U. A.
- GUSDORF, G. (1 977) — **A Fala**, Editora Rio, Rio de Janeiro.
- LEWIS, PE (1 970) — **"Merleau — Ponty and the phenomenoly of language"**, in Structuralism, ed. Jaques Ehrmann, Anchor Books, E. U. A.
- LYONS, J. (1 972) — **New Horizons in Linguistics**, Penguin Books, Inglaterra.
- HOLLIDAY, M. A. K. (1 972) — **Language Structure and Language Function**, in New Horizons in Linguistics, edited by John Lyons, Penguin Books, England.
- POPPER, Karl (1 972) — **Conhecimento Objetivo**, Editora Itatiaia Ltda., Belo Horizonte.
- PYLES, Thomas (1 964) — **The Origins and Development of the English Language**, Harcourt, Brace e Word, Inc., E. U. A.
- REZENDE, A. M. (1 978) — **"Fundamentos Filosóficos da Educação"**, Unicamp, Campinas.
- WAELEHENS, A. Dc (1 959) — **"L'Idée Phenoménologique D'Intentionnalité"** in Actes du Deuxième Colloque International de Phénoménologie, Krefed, 1 — 3 novembro 1 956, edités par les Soins de H. L. Van Breda e J. Tarmiaux — Martinus Nijhoff, La Hague.

NOTAS:

(1) "No man is an island, entire of itself; every man is a piece of the continent, a part of the main. If a clod be washed away by the sea Europe is the less, as well as if a promontory were, as if a manor of thy friend's or of thine own were. Any man's death diminishes me because I am involved in mankind, and the therefore never send to know for whom the bell tolls; it tolls for thee". Donne, John, "Meditation 17", in "English Literature", Clark, Dickinson, Hudson, Pace, Macmillan, E.U.A., 1960.

"Nenhum homem é uma ilha, completa em si mesma; todo homem é parte do continente, parte do principal. Se um grão de areia é levado pelo mar, a Europa diminui, assim como tivesse sido um promontório, ou a propriedade de seu amigo ou a sua própria. A morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte da humanidade, e, portanto, não procura saber por quem o sino dobra; ele dobra por você".

(2) La **parole parlante**, "fundamentalmente criativa, surge à medida que a existência do homem se polariza numa determinada direção não determinada até naquele momento — expressiva de sua intenção, a existência cria la parole como um apoio empírico de seu próprio não-ser. Ao constituir um mundo lingüístico e um mundo cultural, la **parole parlante** operareincarna este elemento puramente humano no qual vimos como o mundo natural; la **parole parlée** opera num mundo lingüístico naturalizado onde la **parole parlante**, reaparece, nas mãos de escritores, artistas e filósofos, como uma fonte onipresente de transcendência e expressão enriquecida.

Rezende, A.M., A linguagem e a análise do discurso pedagógico, in **Fundamentos Filosóficos da Educação**, Unicamp, Campinas, p. 67.